

**"EU SOU A SOBREVIVENTE DO QUE
VOCÊ JOGA FORA"¹ OU,
OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO
NO TRABALHO DE CATAÇÃO**

***"I AM A SURVIVOR OF THAT YOU THROUGH WAY" OR,
THE SUBJECTIVATION PROCESS IN SEEKING WORK***

Aline Mutschal Ramos*
Izaque Machado Ribeiro*
Rafaela Quadros Rigoni*

RESUMO: Este artigo foi produzido a partir das experiências e problematizações propiciadas nos Estágios Profissionalizantes em Psicologia Social Comunitária I e II, realizado na ACE - Associação de Catadores Ecológica², localizada em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul. Através desta produção, procura-se refletir sobre os processos de subjetivação no trabalho de um grupo de catadores, buscando discutir e analisar o contexto local e social em que estes estão inseridos. Procura-se embasar as experiências apresentadas neste trabalho, seguindo o pensamento de autores como Bauman, Nardi, Castel, Costa, Goffman e Singer. Trata-se de não procurar respostas ou conclusões, e sim, propor uma espécie de parada para a reflexão sobre uma

* Acadêmicos do Curso de Psicologia da URI.

¹ Parte de um poema escrito por Tereza da Cunha Moraes, integrante da Associação de Catadores Ecológica.

² O nome da associação foi modificado a fim de preservar a identidade das pessoas envolvidas.

paisagem que nem sempre é enxergada em nosso cotidiano, mas que persiste em seu chamado por visibilidade, através de outra forma de economia que busque amenizar a cegueira da sociedade e do Estado, no que tange as suas políticas públicas.

Palavras-Chave: Subjetividade e trabalho. Catadores. Economia Solidária.

1 INÍCIO DA CAMINHADA...

Este trabalho é parte final dos Estágios Profissionalizantes em Psicologia Social Comunitária I e II, iniciados em março de 2007, correspondendo a um período de aproximadamente dez meses. A partir da relação entre subjetividade e trabalho, transitar-se-á por um local onde muitas vezes depara-se com a iminência da vulnerabilidade social em que estão inseridos os catadores da Associação de Catadores Ecológica (ACE). Entende-se, tal como em Nardi, que a relação entre subjetividade e trabalho "remete à análise da maneira como os sujeitos vivenciam e dão sentido às suas experiências de trabalho" (NARDI; YATES; FERNANDES; RODRIGUES, 2005, p. 320). Nesta análise não se pode deixar de considerar o contexto local e social em que estes sujeitos estão inseridos. Assim, para problematizar as experiências vivenciadas, busca-se abarcar temas como o "não lugar", a invisibilidade e a possibilidade/dificuldade de implantar uma forma de economia - economia solidária - que consiga dialogar com a homogeneidade do capitalismo e a atual desresponsabilização do Estado frente à realidade que atravessa a subjetividade e o trabalho dos catadores.

2 ENVOLVIMENTOS...

A sede da ACE situa-se no centro de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, num galpão alugado através da Prefeitura Municipal. As condições do galpão são pouco favoráveis para os vários tipos de atividades ali realizadas. O prédio é bastante antigo, pouco ventilado, com iluminação escassa. Não há divisões internas e o espaço é pequeno, o que dificulta a separação dos diferentes tipos de materiais, prensagem e

estocagem. Ao redor do galpão há uma grande área que não é coberta e, por esse motivo, pouco aproveitada pelos associados, devido ao sol forte ou à chuva. A associação nunca teve um galpão próprio, o que causa inquietações nos trabalhadores e que podem ser vistas na fala de um deles:

"o que queríamos mesmo era ter um galpão nosso, para que não fiquem nos jogando de um lugar para o outro, com a desculpa de que estamos poluindo o ambiente com o "lixo" que trabalhamos" (AUTA³).

Os galpões alugados pela associação, em diferentes localidades da cidade, quase sempre eram vistos como problemáticos pelos moradores vizinhos. Em algumas vezes, foram feitos até mesmo abaixo-assinados para expulsá-los, alegava-se que a presença do galpão (e dos catadores de forma mais implícita) poderia estar poluindo o ambiente. Também se nota no discurso de alguns moradores, que a presença do galpão da ACE estaria desvalorizando a área de moradia da população. As constantes mudanças de galpão dos catadores os fizeram sentir-se como o seu produto de trabalho: descartáveis, com pouco valor.

Atualmente, a ACE está por ganhar um novo galpão, através da verba de um projeto proposto pela universidade local. Infelizmente esta verba não será suficiente para construir o galpão do tamanho esperado pelos associados. Mesmo assim, a sua construção é bastante aguardada, pois como diz a coordenadora da associação: "vamos ter nosso próprio cantinho, é a realização de um sonho". Analisando-se somente por este prisma - a construção do novo galpão - não parece algo ruim. Entretanto, é necessário que seja feito um apanhado do todo, para tentar analisar as questões a seguir.

A construção desta nova sede se dará em um terreno cedido pela Prefeitura Municipal. Porém, é interessante a sua localização, num bairro consideravelmente distante da "civilização", pouco habitado e de difícil acesso, para transportar um carrinho cheio de recicláveis por aproxima-

³ Os nomes apresentados neste trabalho são fictícios a fim de preservar as identidades.

damente quatro quilômetros, do centro até o novo galpão, usando a própria força. As perguntas são: porque o catador não pode ficar no centro? O que a figura deste trabalhador causa nas pessoas que não os querem por perto? Qual é o impedimento em habitar e transitar pelo cenário urbano? E principalmente, o que isso tudo produz na subjetividade dos catadores? Bauman traz uma visão sobre o conceito de "não lugar", que pode ajudar a elucidar um pouco estas interrogações: "é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história (...)" (BAUMAN, 2001, p. 120). Esse espaço (o galpão de "pré-reciclagem"⁴) deve ser um "lugar que sobra" - o último lugar a ser dada importância em uma cidade. O galpão situando-se longe do centro, vai permitir que ele (o centro) brilhe.

O "não lugar" também se destina a uma posição e não somente a um espaço físico. A posição da qual se fala, refere-se a como o catador é visto na cidade, ou até mesmo, não visto, quando está exposto, muitas vezes, a discriminação e a humilhação. Pode-se pensar nesse momento, sobre a questão da humilhação social, algo que não parece muito distante do que os catadores vivenciam no seu cotidiano e que vem se repetindo das mais variadas formas desde os tempos da colonização do Brasil, marcando subjetividades por imagens e palavras que rebaixam. Estas mensagens são ouvidas nos mais variados ambientes pelos quais passam os trabalhadores, elas pesam sobre seu corpo e os fazem se sentir inferiores (COSTA, 2004). O peso destas mensagens pode se evidenciar nas maneiras de ser e agir dos catadores, se refletem em determinadas posturas corporais como manter os olhos baixos - olhares que fogem -, curvar a coluna como se estivesse protegendo-se de algum golpe, talvez não mais no sentido de agressão física como no passado, mas se apresentando na possibilidade de vir em palavras, gritos... Tais atitudes, posturas corporais, gestos, denotam como são fortes ainda os resquícios de um

⁴ O termo "pré-reciclagem" é retirado do recente trabalho de Sícóli (2007) que esclarece a distinção entre reciclagem e pré-reciclagem. O primeiro é o processo final de transformação de materiais recicláveis, nas indústrias, em novos insumos. O último refere-se a um processo anterior, ou seja, aos trabalhos de catação, triagem, separação e enfardamento

tempo que passou (escravidão), mas deixou suas marcas perpetuadas pelo social. Ainda se faz presente a desvalorização dos catadores e de seu trabalho, desconsiderando-os como sujeitos integrantes da sociedade e como trabalhadores tão importantes quanto os outros. Propõe-se pensar no que diz Goffman: "um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma (...)" (GOFFMAN, 1988, p.14). O catador ao ser estigmatizado pela atividade que faz (mexer com lixo), é reduzido a uma pessoa estragada, diminuída e visto com descrédito pela sociedade. Ele não é considerado uma pessoa comum e total, pois possui um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem (ser catador ou como é chamado, "*lixeiro*"). Tal redução consiste num estigma.

Uma das práticas realizadas nos dois estágios foi saída às ruas com os catadores, quando se buscava vivenciar algumas das experiências que eles relatavam, coisas que só eram ouvidas, precisavam agora, ser experimentadas. Notou-se que algumas pessoas ao passar pelo carrinho evitavam olhar para os seus condutores, apenas desviavam do carrinho, outras acabavam por fixar o olhar, como se estivessem com pena ou surpresos. De maneira geral, quem puxava o carrinho não era visto. Toma-se emprestado o termo "invisibilidade social" do qual fala Costa (2004): o catador de repente desaparece no meio da multidão, física e psiquicamente não está ali. Apesar do grande carrinho no meio do trânsito, do catador correndo de lixeira em lixeira, do desviar os automóveis, o meio onde trabalha não o reconhece como trabalhador, mas quando é visto apresenta-se como um estorvo à passagem dos veículos. Muitos motoristas cortam a frente dos catadores, tendo estes que usar da força para pararem seus carrinhos pesados, e não serem atropelados.

No decorrer destas experiências passou-se por atravessamentos, muitas vezes, caracterizados por sentimentos que eram evocados no momento em que se dirigia até uma lixeira para coletar o material reciclável, mais especificadamente, verificar as sacolas que continham material, tendo que abrir muitas delas e atá-las novamente⁵. Nesses momentos, sentia-se a estranha sensação de que se estava roubando algo, parecia que

era preciso pedir "licença" para quem havia colocado o lixo. Havia a iminência de que o "dono do lixo" aparecesse a qualquer momento e falasse algo constrangedor. Essa foi uma situação que causou estranheza, já que não se a tinha ainda experimentado, será que os catadores também passam por isso? Já passaram? Porque ocorreram estes sentimentos?

Relatamos abaixo uma conversa com Viviane, catadora da ACE há dois meses:

"ontem fui humilhada como nunca antes havia sido! Tava indo pegá umas caixa numa lixera, daí... (chorando) um advogado, uma pessoa estudada, me chamou de ladra. Gritou na frente de muita gente que eu era uma ladra e eu comecei a chora na frente dele, então meu filho chegô da outra lixera e perguntou porque eu tava assim. O homem disse que era um teste que ele tava fazendo comigo quando meu guri chegou, e o homem saiu rindo de mim. Agora tô arrasada. Essa noite quase não dormi e pensei em pará de trabalhá como catadora, mas é que não posso, porque além de ter gostado muito desse serviço, tenho que sustentá meus filhos. [...] O problema é que agora tenho vergonha de chegá nas lixeras. Se tem alguém na frente ou perto delas (lixeriras), não chego, parece que vão me xingá. Tô em estado de choque ainda!"

Percebe-se nesta fala, uma proximidade com a condição de indivíduo negativo tomada emprestada de Robert Castel por Nardi: "aqueles que são abandonados à própria sorte e que detém um lugar marginal e sem instrumentos capazes de permitir sair desse lugar na sociedade contemporânea, são os supranumerários. Aqueles que sobram na economia" (NARDI, 2006, p. 146). Referindo-se ao próprio texto das Metamorfoses da questão social, escrito por Castel (1998) vê-se que o individualismo negativo se declina em torno da falta (falta de consideração, de

⁵ É necessário dizer, que o município não possui coleta seletiva, e muitos moradores ainda não separam o lixo, dificultando o trabalho dos catadores, que às vezes vêm-se obrigados a rasgar alguma sacola para retirar o material reciclável.

seguridade, de bens garantidos e de vínculos estáveis). Tais faltas culminam no surgimento de uma classe de pessoas que podem estar ocupando uma zona intermediária na sociedade, a zona de vulnerabilidade social, estando a um passo de seu extremo, a zona de desfiliação, onde Castel situa o vagabundo, o desfiliado, ou como se encontra na declaração de um jurista francês da idade média, citado por Castel; "o peso inútil da terra" (CASTEL, 1998, p. 597).

Não se pretende aqui generalizar a questão para a condição dos catadores. O que se arrisca dizer, é que os trabalhadores com os quais foram realizadas as experiências de estágio se encontram em tal situação. Os que sobram na economia têm falta de recursos básicos para viverem dignamente - falta habitação, saneamento, transporte, cuidados de saúde (incluindo os psicológicos), creches, políticas de emprego e educação - alguém os escuta? Enxerga? O que se faz a respeito disso? Com essas perguntas questiona-se qual o papel das Políticas Públicas de Estado na vida desses sujeitos e a serviço de que ou de quem elas estão. Nardi (2006) critica a isenção de proteções sociais nas quais um Estado que está a serviço da reprodução de um capitalismo excludente, faz da massa de indivíduos negativos a sua função reguladora. A falta de garantias sociais é usada como forma de produzir a insegurança generalizada. Coletivamente esta insegurança ameaça os movimentos sociais e "individualmente, faz com que cada trabalhador aceite mais facilmente as condições de trabalho que lhe são propostas" (NARDI, 2006, p. 146). Claro está que não mais se navega por águas tranquilas há muito tempo... Para refletir sobre a problemática atual da desresponsabilização do Estado, convida-se novamente Castel a manifestar-se:

"Realmente, quando o navio faz água, cada um tem que despejar a água sobre o vertedouro. Mas, em meio às incertezas que hoje são muito numerosas, pelo menos uma coisa é clara: ninguém pode substituir o Estado em sua função fundamental que é comandar a manobra e evitar o naufrágio" (CASTEL, 1998, p. 611).

Frente a esta precariedade em relação às Políticas Públicas refe-

rentes às proteções sociais, analisa-se a questão de sobrevivência dos trabalhadores da ACE. No discurso da maior parte destes sujeitos fica clara a vinculação com a associação por uma questão de sobrevivência e sua preferência por uma colocação em um emprego onde se possa desfrutar de proteções básicas, geralmente explicitadas pela vontade de ter carteira assinada.

Há também alguns associados (a minoria) que se uniram à associação a fim de buscar/lutar, com um coletivo, por seus direitos e proteções, visando através da sua união, serem vistos e ouvidos, para conjuntamente reclamarem da falta de proteções básicas como: aposentadoria, seguro de saúde, etc. Porém, o discurso da maioria traz mais explícitas as marcas do capitalismo predatório, que se evidenciam principalmente na sua forma de ser e agir no trabalho. Um exemplo disso é o fato de alguns catadores não considerarem, muitas vezes, que os seus companheiros têm pontos de coleta de recicláveis estabelecidos e se apropriarem do material que foi conquistado pelo colega. Percebe-se então um alargamento dos laços de solidariedade, onde as relações de trabalho são atravessadas por uma forma de "capitalismo selvagem (...) é cada um por si e Deus contra todos" (TITÃS, 1994).

Neste ponto, questiona-se a existência de laços de solidariedade e de cooperação em que estão baseadas as formas de economia solidária. Nota-se que na ACE esta alternativa de economia pode se apresentar para alguns trabalhadores como "uma forma de geração de renda, trabalho e inserção social" (NARDI; YATES; FERNANDES; RODRIGUES, 2005, p. 320), mas para o maior número deles não se apresenta, nem são preservados laços de cooperação e de solidariedade, entendidos, segundo Singer (2003), como o princípio fundamental dos movimentos solidários e se estabelecendo através da autogestão e do companheirismo entre seus membros. Em Castel (apud NARDI; YATES; FERNANDES; RODRIGUES, 2005) observa-se a economia solidária como sendo uma possível solução ao desemprego e a desfiliação da rede de proteção do Estado. Considera-se que na ACE grande parte dos sujeitos envolvidos está em condições de vulnerabilidade social e vinculados à associação com objetivo de buscar sua sobrevivência, 'o pão de cada dia'. Além de estarem nessa zona de vulnerabilidade social, ainda são parte da "cultura

da subordinação, do clientelismo, (...), da desproteção, do individualismo. Não é a cultura da coletividade, da solidariedade" (CRUZ, apud NARDI; YATES; FERNANDES; RODRIGUES, 2005, p. 321). Dessa forma, pode-se pensar que para grande parte dos associados da ACE, os sentidos atribuídos aos seus trabalhos de catação estão ligados ao individualismo e a competitividade, e não aos valores da autogestão e da solidariedade visto que, se for oferecido um trabalho em qualquer outro local, em que o retorno financeiro seja maior, (mesmo eles sabendo que este valor oferecido no início será bastante reduzido passado um tempo, já que trata-se de venda de recicláveis a atravessadores) estes sujeitos largarão seus trabalhos para se vincularem a esta nova oportunidade sem mesmo fazer uma reflexão apurada.

Atualmente a ACE está enfrentando muita rotatividade, já que vários trabalhadores se desvincularam da associação, por terem recebido propostas de outros lugares que trabalham com recicláveis. Um pequeno grupo de pessoas engajadas à associação há mais tempo, se diz satisfeito com seu trabalho e considera os princípios da economia solidária como bastante importantes, além de verem seus trabalhos como uma possibilidade de ajudar a tornar a cidade mais limpa e através destes se sentirem livres quando estão nas ruas desempenhando a atividade de catação. Nesta direção, duas catadoras relataram ter abandonado seus trabalhos de empregada doméstica, onde tinham carteira assinada, por que diziam não agüentar mais ser mandadas por seus chefes. Nota-se, a partir disto, que estas trabalhadoras dão sentidos ao seu trabalho como estando situadas em relações coletivistas e solidárias. Percebem-se engajadas aos objetivos da economia solidária, ainda que estando dentro de um contexto extremamente individualista e competitivo.

Partindo deste contexto propuseram-se intervenções no período de estágio, que podem ser consideradas como uma forma de promover a auto-gestão e relações mais solidárias entre os associados. Com este intuito, foram promovidas reuniões quinzenais com os catadores, onde se perceberam alguns movimentos no sentido de uma maior participação e envolvimento nas discussões colocadas em pauta pelos próprios associados. Percebia-se nas reuniões que cada associado participava, á sua maneira, emitindo opiniões sobre o seu trabalho e o trabalho dos colegas,

sendo nosso papel, com o passar do tempo, o de realizar a mediação das discussões surgidas no grupo, já que os próprios catadores, muitas vezes, traziam para aquele espaço o tema a ser debatido e os possíveis caminhos a serem percorridos. Em alguns momentos notou-se uma maior disposição por parte dos associados em questionar as situações pelas quais passavam no seu cotidiano. Talvez esses movimentos de ruptura da mudez possibilitem ao grupo a atribuição de outros sentidos aos seus trabalhos, as suas formas de viver, gerando assim novas produções de subjetividade.

3 PARA NÃO CONCLUIR...

O que pode ser feito então, a partir desta realidade? A idéia não foi fazer uma conclusão... A proposta foi a de enxergar uma imagem que, às vezes, se mostra opaca aos olhos, não se consegue visualizá-la ou, talvez, tirar a neblina que os cobre. Quem sabe a mesma neblina que cobre e torna opaca a visão seja dissipada pelo desejo de situar o que traz incomodação para a sociedade, em outro lugar, um não lugar... Percebe-se como uma possível saída para as questões aqui discutidas, o seguimento das reuniões com os associados, onde haja espaço para participar das discussões e decisões do grupo, onde seja valorizado o discurso de cada um e possam ser levantados questionamentos sobre as práticas do dia a dia, na catação e no próprio galpão. Acredita-se que a manutenção deste espaço de troca e de valorização de idéias venha ser o motor que impulsionará a produção de subjetividade em outros formatos que não vinculados ao capitalismo excludente. Desta forma propõe-se possibilitar através do debate, o surgimento de sujeitos políticos, que se empenhem em buscar uma maior autonomia dos associados no grupo e na sociedade.

ABSTRACT: *This article was produced from experiences and problematization obtained in the Professional Stages in Community Social Psychology I and II, realized at ACE - Associação de Catadores Ecológica (Ecological Seekers Association), in a town of the Rio Grande do Sul state. This production reflects the subjectivation process in the work of a group of collectors, intending to discuss and to analyse the local and social context in what they are inserted. To give theoretical*

support to the experiences presented here, this work is following the thoughts of authors as Bauman, Nardi, Castel, Costa, Goffman and Singer. This work does not intend to look for answers or conclusions, but, to propose a kind of stopping to reflect about a landscape that is not so notice in our daily routine, but that persists calling to get visible, among another form of economy that tries to appease the blindness of the society and the State, in the point of the public politics.

Keywords: *Subjectivation and work. Collectors. Solidary Economy.*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social** - uma crônica do salário. Petropólis: Vozes, 1998.

COSTA, Fernando Braga. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4. ed. LTC, Rio de Janeiro, 1988.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade**: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NARDI, Henrique Caetano; YATES, Denise Balem; FERNANDES, Janice Mendes e RODRIGUES, Manoela Carpenedo. **Subjetividade e Solidariedade**: A Diversidade das Formas de Implicação dos Jovens na Economia Solidária. Porto Alegre: Revista: Psicologia: Reflexão e Crítica, 19 (2), 2005. (p. 320-28).

SÍCOLI, Juliana Lordello. **Potencialidades e limites da autogestão ao nível da organização do trabalho e suas repercussões à saúde dos**

trabalhadores: estudo etnográfico da Coopermape - Cooperativa de Reciclagem de Matéria-Prima de Embu. Programa de Pós Graduação de Psicologia da USP. Área de concentração: Psicologia Social. Dissertação de mestrado. São Paulo: 2007.

SINGER, P. Economia solidária. In: Cattani, A. D. A outra economia. Porto Alegre: Veraz, 2003. (p. 116-125).

TITÃS. **Música:** Homem Primata. Álbum: Titãs 84 94 - Um. Gravadora: Warner, 1994.